



EDUARDO PRADO COELHO, LEITOR DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Solange Fiuza

UFG/CNPq

Resumo: Neste trabalho, examino dois artigos publicados pelo crítico Eduardo Prado Coelho, nos anos 1960, sobre João Cabral de Melo Neto. Realizo uma apresentação do crítico, sobre o qual são escassos os estudos, e resgato os dois artigos, procurando situá-los no contexto crítico português em que foram produzidos e na acolhida do poeta brasileiro em Portugal.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto; Eduardo Prado Coelho; artigos críticos.

Abstract: In this paper, I examine two articles published by critic Eduardo Prado Coelho in the 1960s about João Cabral de Melo Neto. I introduce the critic, about whom there are few studies, and I examine both articles, trying to situate them in the Portuguese critical context in which they were produced and in the reception of the Brazilian poet in Portugal.

Keywords: João Cabral de Melo Neto; Eduardo Prado Coelho; critical articles.

Eduardo Prado Coelho¹ nasceu em Lisboa, em 1944. Filho do professor, ensaísta e crítico (de Camilo Castelo Branco, Fernando Pessoa e tantos outros) Jacinto do Prado Coelho e da professora do ensino secundário Dália dos Reis de Almeida, cresceu, filho único, num ambiente bastante propício à formação de um homem de letras e de ideias. Na bela crônica de homenagem póstuma ao pai, Eduardo Prado Coelho (1997, p. 13-16) evoca a casa da infância habitada pelo silêncio, com o pai a escrever teses em sofás, “com montes de papéis em redor, e

¹ Para a elaboração desse esboço biográfico inicial sobre Eduardo Prado Coelho, além da extensa bibliografia do autor, de entrevistas e do documentário da Rádio e Televisão de Portugal (RTP) sobre ele, vali-me de outros poucos estudos, especificamente um artigo e dois verbetes de dicionários arrolados nas referências finais. A escassez de uma metacrítica sobre EPC contraria a quantidade de publicações sobre outros intelectuais portugueses, como é o caso de João Gaspar Simões, Óscar Lopes e Eduardo Lourenço.

livros pelas cadeiras” e a mãe a dizer “nesta casa ninguém se pode sentar”. Uma casa onde “todos os dias chegavam livros”, que “devoravam os espaços” e o menino Eduardo “começava a ler os livros que devoravam os espaços, e lia ao acaso das cadeiras”, pois o pai “nunca impunha a leitura de um livro” ou desaconselhava a leitura de outro. “Deixava que as cadeiras decidissem”. Uma casa que era frequentada regularmente por alunos, assistentes, amigos do pai, entre os quais David Mourão Ferreira e Urbano Tavares Rodrigues.

Esse ambiente foi certamente decisivo para a formação de Eduardo Prado Coelho, que, aos 17 anos, entrou para o curso de Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se doutorou, em 1983, com a tese publicada no livro *Os Universos da Crítica. Paradigmas nos Estudos Literários*.

Ainda na faculdade, com 19 anos e já enfronhado na leitura dos estruturalistas franceses, começou a colaborar em periódicos de oposição ao Estado Novo, a exemplo das revistas *Vértice* e *Seara Nova* e do jornal *Diário de Lisboa*, realizando crítica sobre literatura e cinema. Ao longo de sua vida, a atuação em diversos periódicos foi central e constante e lhe granjeou popularidade, tendo publicado, até à data da sua morte, em 2007, uma crônica no *Público*, jornal em que manteve, por anos consecutivos, a coluna “Fio do Horizonte”.

Em 1968, lançou *O Estruturalismo, Antologia de Textos Teóricos*, livro fundamental na divulgação da corrente crítica em Portugal, e que reúne textos teóricos variados de Foucault, Lacan, Barthes e Althusser, entre outros, antecédidos por uma apresentação em que procura conciliar estruturalismo e marxismo e que, “sem aceitar certas concepções estruturalistas”, encontra “na conceptualização estruturalista elementos preciosos para a elaboração da [sua] linguagem crítica” (Coelho, 1968, p. LII).

Após o 25 de abril de 1974, filiou-se ao Partido Comunista Português (PCP). Suas discussões sobre o papel dos intelectuais e da cultura na transformação política do país após a revolução foram reunidas no livro *Hipóteses de Abril*, de 1975. Nesse mesmo ano, desiludido com o PCP, filiou-se ao Partido Socialista, onde teve militância errante. Mas manteve sempre uma visão cultural à esquerda.²

Como professor, ao longo dos anos, ensinou na Universidade de Lisboa, na Universidade Sorbonne Nouvelle Paris III e na Universidade Lusófona, e foi professor associado da Universidade Nova de Lisboa. Quando professor em Paris III, em 1988, coordenou a presença portuguesa de *Les Belles Étrangères*, que consistiu em um verdadeiro acontecimento,

² Sobre as ideias políticas de Eduardo Prado Coelho, ver o artigo de João Moreira (2021) “Eduardo Prado Coelho ou as dissidências políticas de um nómada intelectual”.

com a presença de 21 autores portugueses e mais de três mil pessoas em um ato público realizado no anfiteatro da Sorbonne, de modo que o evento impulsionou a edição de escritores portugueses por editoras francesas.

Entre outros cargos públicos, foi conselheiro cultural na Embaixada de Portugal em Paris, entre 1989 e 1999, comissário para a Literatura e o Teatro na Europália Portuguesa, em 1990, diretor da Delegação de Paris do Instituto Camões, entre 1997 e 1998, e representante de Portugal, em 2000, no *Salon du Livre* de que Portugal foi tema, atuando sempre com muito dinamismo e se afirmando como um grande divulgador da literatura, do cinema e da cultura portuguesa, mormente em França.

Recebeu alguns prêmios, destacando-se o Grande Prémio de Literatura Autobiográfica da Associação Portuguesa de Escritores, em 1996, pelos dois volumes do diário *Tudo o que Não Escrevi* (1992 e 1994).

Em excelente documentário sobre Eduardo Prado Coelho de 2017, dirigido por Abílio Leitão para a Rádio e Televisão de Portugal (RTP), António Mega Ferreira diz que o crítico era “alguém que vivia para a alegria”, pois só quem tem uma alegria de viver mantém, como ele, “uma avidez multiforme sobre tudo e mais alguma coisa”, um “tudólogo”, na medida em que nada do que seja era “conhecível”, do que era humano, lhe era estranho. De fato, o crítico se interessou pelos mais diversos assuntos, como literatura, cinema e filosofia, mas também política, moda, futebol e tantos outros. Nesse sentido, foi um intelectual bastante completo e não muito frequente no meio lusófono a partir da transformação crítica operada pela predominância dos paradigmas teóricos e da academização da crítica literária. Por um lado, foi um devorador de teorias diversas, sem se limitar ao espaço que elas lhe abriam, e um crítico que era um criador de objetos críticos. Por outro, afirmou-se como intelectual de ação, no sentido de intervir na sociedade por meio da mídia e da abordagem dos mais diversos temas. Com isso, se seus livros de crítica foram lidos por um público mais restrito, sua atuação mediática permitiu que ele se fizesse conhecido, intencionalmente, por um público mais vasto.

A esse intelectual de interesse vivo e variado, não passou despercebido o poeta João Cabral de Melo Neto, que, nos anos 1960, alcançou uma significativa penetração pública e um reconhecimento crítico em Portugal.

A primeira publicação de Eduardo Prado Coelho sobre o poeta brasileiro foi uma resenha, saída na revista *Scara Nova*, em dezembro de 1963, por ocasião do lançamento de *Poemas Escolhidos* de João Cabral de Melo Neto, pela Editora Portugália, de Lisboa.

A *Scara Nova* é uma revista portuguesa fundada em 1921 e de uma longevidade impressionante. Interrompida as edições em 1984, a revista voltou a ser publicada em 2016, sem

assumir, entretanto, a importância de outrora³. Contou, em sua origem, com um grupo integrado por Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Azeredo Perdigão, Câmara Reys, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Francisco António Correia, Jaime Cortesão, Raul Brandão e Raul Proença. Com um escopo editorial bastante amplo, incluindo sociologia, política, literatura etc., no primeiro número, já se afirmavam a sua tendência republicana, o seu propósito programático de reforma da sociedade portuguesa, mas também o seu espírito internacionalista, distando-se dos nacionalismos que grassavam e desembocaram nas diversas formas de fascismo.

É significativo, pois, a publicação, na *Seara Nova*, uma revista de espectro variado, mas com um compromisso ético (e também político) explícito, ainda que pensado de diferentes formas, de uma resenha de Eduardo Prado Coelho sobre um poeta brasileiro, cuja obra atesta um engajamento com dada realidade social e regional.

Importante também foi o papel desempenhado pelo livro *Poemas Escolhidos*, resenhado por Eduardo Prado Coelho, na projeção pública e crítica do poeta em Portugal. Antes de *Poemas Escolhidos*, Cabral já havia publicado a *editio princeps* de *Quaderna*, em 1960, pela Guimarães Editores, de Lisboa, com a curadoria do poeta Alexandre O'Neill.

Malgrado Cabral enviasse livros seus a poetas e críticos portugueses desde *Pedra do Sono*, tivesse editado, em 1950, a revista *O Cavalo de Todas as Cores* com o presencista Alberto de Serpa, e sobre ele críticos influentes como Vitorino Nemésio e João Gaspar Simões já tivessem se manifestado em artigos, *Quaderna* representou, como diz o poeta na dedicatória ao exemplar de Alexandre O'Neill⁴, a naturalização da sua poesia em Portugal. Não apenas porque foi a primeira publicação de um livro completo do autor no país, mas porque inaugurou, na coleção “Poesia e Verdade”, da referida editora, a presença de autores brasileiros, que passaram a figurar ao lado de portugueses. Além disso, o livro possibilitou um alargamento na projeção do poeta junto ao público leitor e também exerceu uma influência sobre jovens poetas⁵.

Poemas Escolhidos, por sua vez, deu ao público português uma visão de conjunto da obra de Cabral. Na antologia, constam poemas em seleção ou na íntegra, no caso dos poemas-livro, de *Pedra do Sono* (1942) a *Dois Parlamentos* (1961). Para lá de fornecer uma amostragem mais ampla da poesia cabralina e levar o poeta a um número maior de leitores, a antologia alargou

³ Todos os números da *Seara Nova* estão disponíveis para consulta digital em: <https://searanova.publ.pt/>

⁴ Consta na dedicatória do exemplar de *Quaderna* pertencente ao filho do poeta, Afonso O'Neill: “A Alexandre O'Neill que naturalizou esta poesia em Portugal”. Essa dedicatória foge ao habitual “Com amizade e admiração” da maior parte das dedicatórias do poeta, e é precisa ao dizer que o livro conferiu cidadania portuguesa à poesia de João Cabral.

⁵ Sobre a presença do poeta pernambucano em poetas portugueses dos anos 1960, ver o artigo de Rosa Maria Martelo (2018) “O efeito João Cabral na poesia portuguesa”.

a recepção crítica do poeta, pois sobre ela escreveram João Gaspar Simões, Óscar Lopes e Eduardo Prado Coelho.

A seleta foi publicada pela Editora Portugália, em 1963, na coleção “Poetas de Hoje”, com seleção de poemas de Alexandre O’Neill, e prefácio de Alexandre Pinheiro Torres. Essa coleção, nas palavras do presencista Gaspar Simões (1964b, p. 15), era o “quartel general da crítica alistada”, assim como o prefaciador representava, para ele, um dos mais intransigentes nomes dessa crítica. Em que pese as palavras de Gaspar Simões serem exemplares das disputas travadas, no campo literário português, entre presencistas e neorrealistas, a saída do livro pela coleção, bem como a escolha de um neorrealista como prefaciador, provavelmente a convite de Alexandre O’Neill, são indicadores de que a poesia cabralina satisfazia a um imperativo ético e, em muitos casos, político, que guiava artistas e críticos portugueses de então. Não apenas neorrealistas, como Pinheiro Torres, mas também vanguardistas, como o curador da coletânea, além de críticos para os quais o comprometimento social só é atingido por meio de poemas formalmente tensos, a exemplo de Óscar Lopes e do próprio Eduardo Prado Coelho.

João Cabral leu a resenha de Eduardo Prado Coelho, que lhe chegou às mãos por meio de carta de Alexandre O’Neill, com a seguinte observação: “Como vê, há quem pede mais a si mesmo do que a “vaguidão” que o Simões pede...” (O’Neill, 1963).

Na resenha, que constitui a primeira sobre o livro, Eduardo Prado Coelho, então com 19 anos de idade, considera “muito oportuna” a publicação de *Poemas Escolhidos*, de um “grande poeta brasileiro” que defende, nos seus versos, uma estética realista, pela coleção “Poetas de Hoje”, conhecida pela divulgação de autores realistas. O crítico recobra o contexto português, onde o realismo é confundido com poesia de “exaltada revolta social” e observa que, se alguma dessa poesia é realista, “é-o não só pela adopção de determinadas perspectivas de conhecimento do mundo e dos homens, mas por ter para elas encontrado uma expressão estética adequada.” Ressalta que “o problema do realismo de modo algum se pode limitar ao plano das intenções” e, na esteira de Roland Barthes, assinala que o realismo é simultaneamente “ideológico” e “semiológico”, isto é, “um realismo que parte da própria linguagem”. Cabral constituiria, pois, uma resposta a uma contradição enunciada por Mário Dionísio, que havia sido professor de Eduardo Prado Coelho no Liceu Camões, de que o problema literário do realismo reside em ser ele antiarte de vanguarda num contexto em que não é possível haver arte autêntica sem uma atitude vanguardista. Para o resenhista (Coelho, 1963, p. 227)⁶, João Cabral superaria essa

⁶ Todas as citações da resenha remetem a essa página.

contradição dialética ao criar “uma poesia que agrada ao gosto clássico, à mentalidade realista e aos modernos concretistas brasileiros”.

Na sequência da resenha, destaca que a poesia cabralina não é de fácil leitura, causando estranhamento inicial o poeta colocar “entre parêntesis” as emoções. Essa “fria atitude de distanciamento” pode, na visão do crítico, ser resultado de “um processo de adjectivação” que não é habitual, isto é, em lugar de o adjetivo exprimir uma relação entre sujeito e objeto, revela “unicamente uma qualidade ou uma relação nova nos objectos observados”. A adjectivação, em vez de fazer “sentir o poeta”, situa “o objecto numa estrutura quase sempre geométrica, tornando-o mais denso e complexo, porque o integra num maior número de relações”. Mas se trata de uma situação sempre provisória e por isso o poeta retoma várias vezes os mesmos temas e os analisa em sua relação com as coisas e os homens, “sempre com a intenção insatisfeita de lhes encontrar ‘o núcleo do núcleo’”. É uma tentativa vã, porque “o real está em movimento e o poeta não o pode fixar. Portanto, o poema deve ser uma teia que, lenta e desesperadamente, o poeta tece, para encontrar sucessivos graus de existência de cada ser”.

Decorrente disso, para o resenhista, é a preocupação de João Cabral, poeta materialista, com o concreto. Nessa poesia, se a subjectividade está no início, quando o poeta integra realidades objectivas ao experienciá-las, vivê-las, procura, ao construir o poema, “restituir o mundo objectivo que está na base da sua experiência vivida”, havendo um “esforço de objectivação dentro duma objectivação”, ou seja, quando busca “encontrar uma significação adequada à experiência vivida, é que o problema do realismo, como categoria estética, nos surge”. Assim sendo,

o realismo não depende de uma intenção (que pertence a um momento subjectivo), mas de uma significação (que pertence a um momento objectivo: o da elaboração do poema). Por isso podemos dizer que o realismo de Melo Neto é ao mesmo tempo ideológico e semiológico. Nele, o subjectivo não é um absoluto, que se pretende transmitir ao leitor, mas um momento num processo de apreensão do *real*.

Eduardo Prado Coelho finaliza a resenha referindo-se ao prefácio de Alexandre Pinheiro Torres, que situa a poesia cabralina no contexto histórico brasileiro e indica os elementos geográficos, sociais e económicos que alimentam seus versos. Para o resenhista, esses dados jornalísticos e estatísticos, por meio dos quais a poesia de Cabral ganha “um sentido” e “uma função diferente”, poderiam ferir “certas sensibilidades mais delicadas”.

Entre essas “sensibilidades mais delicadas” estariam, certamente, os críticos impressionistas, entre os quais João Gaspar Simões, que, como mencionado, há muito conhecia a poesia de Cabral e sobre ela já se manifestara em artigos. Gaspar Simões também publicou uma resenha sobre *Poemas Escolhidos*, no *Diário de Notícias*, em janeiro de 1964, a qual, mais do

que o livro, tem em vista justamente o prefácio de Alexandre Pinheiro Torres, contra o qual se insurge, numa atitude avessa ao gesto valorativo de Eduardo Prado Coelho.

A produtividade maior dessa resenha de Eduardo Prado Coelho reside em ela compreender, com perspicácia e no momento em que a poesia de João Cabral granjeia popularidade e reconhecimento entre críticos de diferentes orientações, a razão de ser de o poeta conseguir falar a leitores diversos, como presencistas, neorrealistas e vanguardistas, isto é, ao construir, em síntese, um realismo que é um formalismo, um realismo linguístico.

A segunda publicação de Eduardo Prado Coelho é sobre *A Educação Pela Pedra*. Esse livro de 1966 apareceu, em Portugal, na esteira do sucesso alcançado pelas apresentações que o TUCA, Grupo de Teatro da Universidade Católica, realizou em Portugal. Em 1966, o TUCA recebeu, pela montagem teatral do poema *Morte e Vida Severina*, musicado por Chico Buarque, o prêmio de crítica e público no *IV Festival de Teatro Universitário de Nancy*. Após o Festival, o grupo realizou apresentações, de grande sucesso público e repercussão na imprensa, em Lisboa, Porto e Coimbra. João Cabral, que tinha ido a Portugal para acompanhar as apresentações, foi entrevistado por jornais portugueses. As revistas *Scara Nova*, de Lisboa, e *Plano*, do Porto, organizaram números especiais com depoimentos e artigos, nos quais é evidente o impacto causado pelo espetáculo. Esse acontecimento teatral pôs em evidência, para o público português, o poema *Morte e Vida Severina*, de um modo particular, e a poesia cabralina, de um modo geral.

Nesse cenário já preparado, quando João Cabral publicou, no Brasil, *A Educação Pela Pedra*, em 1966, o livro, pela sua ordem de dificuldade, não alcançou, em Portugal, um público da amplitude de *Morte e Vida Severina*, mas foi apreciado por leitores especialistas, entre os quais Arnaldo Saraiva, o primeiro português a resenhar o livro, no mesmo ano da sua publicação, Óscar Lopes e Eduardo Prado Coelho.

O ensaio de Eduardo Prado Coelho saiu, em 1967, no *Diário de Lisboa* e foi republicado, em 1972, em *O Reino Flutuante*, livro que reúne textos escritos para o *Diário de Lisboa* e a *Scara Nova*.

Nesse ensaio, examina *A Educação Pela Pedra* por meio de fragmentos, assinalados por citações de fontes diversas, tais como Saussure, Jorge Luis Borges, Freud, Nietzsche, as quais denunciam a voracidade leitora do jovem crítico.

Os fragmentos podem ser lidos como um estudo coeso, mas, acompanhados separadamente, constituem, em muitos casos, mini teses agudas, que procuram desconstruir perspectivas leitoras correntes sobre João Cabral e propor uma nova visão crítica sobre sua poesia no panorama português.

Num período de grande voga do estruturalismo, o ensaio principia esclarecendo tratar-se de “um livro densamente *estruturado*”⁷, não o restringindo, entretanto, a uma condescendência com o fenômeno crítico então de moda. Para o crítico, “mais do que a estrutura, é a própria ideia de *combinação* e de *grupos de combinações* que se impõe”. Também, contrapondo-se à visão que atribui frieza e aridez às estruturas, esclarece que, na “serena arquitectura deste livro, na sua construção metálica e matemática, há todo o rigor da paixão que o percorre e incendeia” (Coelho, 1967, p. 298).

O ensaísta, a seguir, considera, numa ironia que trai uma certa arrogância, compreensível entre jovens no seu processo de afirmação, os limites da “velha crítica”, personificada em João Gaspar Simões, para compreender a poesia de João Cabral: “Que poderá dizer a ‘velha crítica’ (a expressão é de Gaspar Simões, num esforço de autocrítica) sobre a poesia de Melo Neto? Muito, pouco, ou nada? Nada, creio.” (Coelho, 1967, p. 298). E segue no mesmo diapasão: “a ‘velha crítica’ não sabe o que fazer senão resmungar meia dúzia de coisas, o que já é próprio da sua idade”, “A ‘velha crítica’ terá de aprender”, “A ‘velha crítica’ precisa de (re)ler Jorge Luis Borges” (Coelho, 1967, p. 298 e p. 299).

Essas palavras mordazes são ilustrativas não apenas da disputa travada, no contexto português, entre duas forças críticas, mas também do valor simbólico representado por Gaspar Simões, que era, desde os anos 1930, o mais ativo e influente crítico do país. Eduardo Lourenço, para cuja geração, “nem a nível teórico nem prático João Gaspar Simões terá sido ‘o maior’ crítico da sua época”, reconhece: “As pessoas hoje não têm ideia de até que ponto João Gaspar Simões era uma espécie de termómetro da produção literária nacional” (Biblioteca Nacional, 2003, p. 16 e p. 192). E Alexandre O’Neill assim sintetiza o nome João Gaspar Simões: “um homem que é uma instituição e a quem os próprios inimigos enviavam os livros. Ah!, se as dedicatórias falassem...” (Meirim, 2021, p. 100).

Opondo-se à tendência da crítica impressionista de centralidade na “psicologia do autor”, Eduardo Prado Coelho observa que “o estatuto do autor no processo de produção literária não é um estatuto *psicológico* (uma entidade psíquica unificada), mas um estatuto *topológico* (um lugar onde e donde)” (Coelho, 1967, pp. 298-299). Ainda no ataque à “velha crítica”, destaca que esta, salvaguardando a individualidade do autor, associa o poeta brasileiro ao português Mário Saa, que anteciparia a “razão matemática” daquele. A essa precedência, no panorama da poesia portuguesa, de João Cabral por Mário Saa, proposta em mais de um artigo por Gaspar Simões (1960, 1964a), o ensaísta contrapõe a ideia cara à modernidade, que subverte

⁷ Nas citações do artigo, todos os destaques em itálico são do autor.

a teoria das fontes e influências, citando pontualmente “Kafka e seus precursores”, de Jorge Luis Borges, segundo o qual “cada escritor *cria* os seus precursores”.

Depois de recuperar as costumeiras fases da poesia cabralina (idealismo de *Pedra do Sono*; a definição, em *Psicologia da Composição*, “de uma arte poética extremamente exigente” e que rompe com a tradição idealista; o “compromisso social” explícito a partir de *O Cão Sem Plumas*), descreve duas atitudes habituais nos modos de ler esse poesia: 1) “Ou se acentua o papel vanguardista [...], procurando encontrá-lo mesmo nos textos mais comprometidos”; 2) “Ou se assinala uma crise demorada na arte de Melo Neto, crise expressa por esta poesia laboratorial, que, nesse caso, será forçosamente *secundária* em relação às suas obras mais importantes” (Coelho, 1967, p. 300-301).

A leitura proposta por Eduardo Prado Coelho rechaça ambas as atitudes. Para isso se detém no “carácter didáctico do livro”, visto como “um manual de educação”, “um livro de moral”. Essa dimensão do livro se manifesta, por exemplo, nos “jogos sonoros frequentes”, na “elaboração de uma arte poética”, na “clarificação do poema” por meio de metáforas desenvolvidas, entre outros.

Sobre os “jogos de palavras”, frequentes em *A Educação Pela Pedra* (como “moída” e “miúda”, “entre datas de seca e seca entre-datas”, o “curso de um rio, seu discurso-rio”), opõe-se ao preconceito que associa jogo a inutilidade e superficialidade, por trás do qual talvez esteja uma ideologia da produtividade burguesa, e recupera Freud para demonstrar que o inconsciente não é alheio ao corpo sonoro, de modo que o inconsciente nos domina assim como os jogos sonoros, que “são um exercício de liberdade” (Coelho, 1967, p. 302).

Assim como os jogos verbais não são meros entretenimentos inúteis, “a elaboração de uma arte poética” não deve ser lida como “evasão”, “desinteresse pelos problemas reais”, porque

existe uma *homologia* entre a produção poética e a vida de um homem. Tudo o que Melo Neto escreve sobre o poema se aplica ao homem, e reciprocamente. Por isso a arte poética de Melo Neto é um tratado de moral e a sua ética um tratado de poesia. (Coelho, 1967, p. 304)

Para o ensaísta, *A Educação Pela Pedra* é uma obra de pedagogia e de moral, que se manifesta, primeiramente, “por uma clarificação do poema” (Coelho, 1967, p. 304). Trata-se de uma clarificação que inicialmente perturba o leitor, habituado a uma poesia mais subjetiva e mais transfiguradora do real, ao passo que a poesia de João Cabral é “sempre geométrica e analítica”, com *metáforas desenvolvidas* “ao longo do poema de modo que cada novo elemento reforça a carga significativa dos restantes” (Coelho, 1967, p. 305). A função da metáfora desenvolvida, onde cada termo confirma os anteriores, é o conhecimento da realidade. A insistência na metáfora dá-lhe maior consistência, terminando por estruturá-la: “Em Melo Neto, cria-se um *espaço metafórico* a partir do qual o poema se constrói” (Coelho, 1967, p. 306). Habitualmente, há, no início, dois elementos (“mar-canavial”, “palavra-pedra”, “mulher-rio”, etc.) e dá-se, entre eles, “um processo de *acareação*, em que a verdade de cada um se confronta e ajusta à do outro até se formar uma verdade comum”. O resultado é um “*espaço metafórico* que possui um certo dinamismo interior” (Coelho, 1967, p. 306), com metáforas reversíveis: “entre a mulher e o rio, é o rio que serve de metáfora à mulher e a mulher que serve de metáfora ao rio”

Em relação à clareza didática de João Cabral, o crítico acrescenta ainda “o carácter concretizador das suas metáforas, que são quase sempre o resultado da associação pura e simples de dois substantivos: ‘gente indústria’, ‘cacto não’, ‘luz balão’, ‘leito tumba’” (Coelho, 1967, 307).

A atitude moral do livro se manifesta, também, “por uma *teoria dos cristais*. Dos diamantes líquidos” (Coelho, 1967, p. 308). A experiência dos limites explicita-se em vários momentos da poética cabralina, como no “*exponerse*, / fazer no extremo, onde o risco começa” dos ciganos. O extremo de si mesmo exige uma harmonia, uma dosagem exata de si, que é a fórmula do cristal (e do poema).

A atitude moral se revela, ainda, pelo exemplo da pedra, e “pela imagem do poema como tecido, trabalho de paciência e de cálculo, de precisão e de entreajuda”, como se pode ler em “Tecendo a manhã”.

A relevância, na acolhida crítica de Cabral em Portugal, desse ensaio de Eduardo Prado Coelho, encontra-se não apenas no “horizonte do passado”, em ele dizer sobre o contexto crítico português dos anos 1960, mas também na sua contemporaneidade. As pequenas teses desse estudo em fragmentos continuam leituras bastante pertinentes e atuais sobre o poeta brasileiro e algumas delas ainda não tiveram o devido desenvolvimento na fortuna crítica do autor.

Depois da resenha e do ensaio, Eduardo Prado Coelho não voltaria a escrever especificamente sobre a poesia João Cabral, não obstante faça constantes alusões ao poeta e tome versos do poema “Os rios de um dia”, de *A Educação Pela Pedra*, como epígrafe ou mesmo argumento central do texto de abertura de *A Mecânica dos Fluidos*, reunião de ensaios de 1983.

Entretanto, Prado Coelho se manifestou, posteriormente, sobre a prosa de João Cabral, quando a Editora Ângelus Novus publicou, em 2003, os ensaios *Poesia Lírica e Sociedade*, de Adorno, *Che Cos'è la Poesia?*, de Jacques Derrida, e *Poesia e Composição*, do poeta brasileiro. Numa resenha intitulada “Esse pássaro fluido”, Eduardo Prado Coelho insere os ensaios de Adorno e Cabral no que designa de “pós-marxismo”, pois “vêm do horizonte marxista mas tentam pensar outra coisa, que, no caso de Adorno, é uma forma de inscrever o social no texto lírico e, no que diz respeito a Melo Neto, se trata acima de tudo de contrapor o trabalho de arte à inspiração” (Coelho, 2010, p. 194). Apesar de o crítico destacar a especificidade de Derrida, “que deliberadamente se coloca numa desconstrução da oposição entre racionalidade e irracionalidade” (Coelho, 2010, p. 194), aproxima os três textos, por partilharem a “mesma desconfiança em relação à poesia como mera expressão individual”. Assim como Adorno ultrapassa o dispositivo marxista que busca o ideológico no texto, procurando ouvir nele aquilo que a ideologia esconde, para Melo Neto, o trabalho de composição “é sempre algo que ultrapassa (e deixa cair) a consciência do seu autor e a ideologia da sua inscrição numa totalidade social e histórica” (Coelho, 2010, p. 194).

Em que pese o insólito da associação entre o texto de João Cabral e o de Jacques Derrida, essa leitura de Eduardo Prado Coelho dá um salto nas interpretações desse antológico ensaio cabralino, que tendem a destacar nele apenas um projeto antirromântico, que desloca a centralidade da subjetividade do poeta para a consciência crítica, o planejamento, sem ver nesse processo a busca de uma ética, tão cara ao poeta enfronhado, quando da escrita de *Poesia e Composição*, numa política e nas leituras marxistas, e que, em suas obras, desde o *Cão Sem Plumas*, já encontrara, na representação social de determinada realidade social e regional, uma forma outra de a subjetividade negada se dar a ver por meio do objeto literário construído.

Se Eduardo Prado Coelho não mais se deteve na poesia de João Cabral, os dois textos escritos quando o poeta já se encontrava na plenitude da sua poesia e o crítico era bastante jovem, dão a ver a sua perspicácia, revelam um interessante diálogo entre forças críticas no campo literário português, e o situam entre os leitores portugueses do poeta brasileiro que vale a pena recuperar.

Referências

- BIBLIOTECA NACIONAL. *Presença de João Gaspar Simões: exposição comemorativa do centenário de nascimento*. Lisboa: BN, 2023.
- COELHO, Eduardo Prado. “João Cabral de Melo Neto, Poemas escolhidos”. *Seara Nova*, Lisboa, p. 227, dez. 1963.
- COELHO, Eduardo Prado. “A educação pela pedra”. *Diário de Lisboa*, Lisboa, p. 2 e p. 8, 20 abr. 1967. Vida literária e artística. 2º Caderno, n. 455.
- COELHO, Eduardo Prado (seleção e introdução). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Lisboa: Portugalia, 1968.
- COELHO, Eduardo Prado. *O cálculo das sombras*. Lisboa: Edições Asa, 1997.
- COELHO, Eduardo Prado. *Biblioteca Eduardo Prado Coelho. A poesia ensina a cair*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- COELHO, EDUARDO PRADO. In: COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). RODRIGUES, Ernesto; LARANJEIRA, Pires; MOUTINHO, Viale (Coord.). *Dicionário da literatura brasileira, galega, africana, estilística, literária: actualização*. Lisboa: Figueirinhas, 2002. v.1, p. 224-225,
- COELHO, EDUARDO DO PRADO. In: REIS, António; REZOLA, Maria Inácio; SANTOS, Paulo Borges (Coords.). *Dicionário de história de Portugal. O 25 de Abril*. Porto: Figueirinhas, 2016. v.2, p. 191-1.
- MEIRIM, Joana (Edição, organização e introdução). *Diz-lhe que estás ocupado: conversas com Alexandre O'Neill*. Lisboa: Tinta da China, 2021.
- MOREIRA, João. “Eduardo Prado Coelho ou as dissidências políticas de um nómada intelectual”. *Biblos*, n. 7, 3ª Série, pp. 15-37, 2021.
- O'NEILL, Alexandre. [Correspondência] Destinatário: João Cabral de Melo Neto. 4 de dezembro de 1963 (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).
- “RESISTIR à cegueira do mundo: Eduardo Prado Coelho” [documentário]. Dirigido por Abílio Leitão. Lisboa: RTP, 2017. Disponível em <https://www.rtp.pt/programa/tv/p37863>.
- SIMÕES, João Gaspar. “Tempo espanhol e Poemas (1925-1955), por Murilo Mendes. Quaderna e Duas águas (poemas reunidos), por João Cabral de Melo Neto”, *Diário de Notícias*, Crítica literária, Lisboa, p. 15 e 19, 9 jun. 1960.
- SIMÕES, João Gaspar. “A xácara e a razão matemática na voz de João Cabral de Melo Neto e de Mário Saa”. In: _____. *Literatura, literatura, literatura... De Sá de Miranda ao concreto brasileiro*. Lisboa, Portugalia, 1964a. p. 341-345.

SIMÕES, João Gaspar. “Poemas escolhidos, por João Cabral de Melo Neto”, *Diário de Notícias*, Crítica literária, Lisboa, p. 15-16, 1 jan., 1964b.

Solange Fiuza é professora titular da UFG e coordenadora adjunta dos programas acadêmicos da área de Linguística e Literatura da CAPES (2022-2026). Doutora-se na UFRGS, com pesquisa que resultou no livro *A Memória Lírica de Mario Quintana*, publicado pela Editora da UFRGS. Desenvolveu estágios pós-doutorais na Universidade do Porto e na UFF, bem como na Universidade de Coimbra e na UERJ, sempre investigando as relações poéticas Brasil-Portugal a partir do poeta João Cabral de Melo Neto. Pesquisadora do CNPq, atualmente desenvolve o projeto “João Cabral e Lauro Escorel – correspondência”. Entre suas publicações mais recentes, destaca-se o livro *Correspondência Inédita e Anotada*, de João Cabral de Melo Neto e Alberto de Serpa, organizado em parceria com Arnaldo Saraiva, e publicado pela Ateliê Editorial.

Solange_fiuza_yokozawa@ufg.br

Artigo recebido em 31/05/2025. Aprovado em 14/06/2025.